

AS COMPARAÇÕES FIXAS EM PORTUGUÊS – ASPETOS SEMÂNTICOS E A QUESTÃO DE VARIABILIDADE*

ANNA VEVERKOVÁ

Universidade Carolina, Praga

PORTUGUESE SIMILES – SEMANTIC ASPECTS AND THE QUESTION OF VARIABILITY

Similes are a very salient type of idiomatic expression, characterized by a number of specific features. Like all idiomatic expressions in general, similes are also a subject of debate, mostly regarding their idiomaticity and classification within the area of phraseology. This article will provide a concise overview of basic questions such as the essential definition of similes and their structure, which will serve as a basis for a further investigation of their semantic aspects, particularly the phenomena of metaphor and metonymy. These will in turn be defined theoretically, considering the recent research disseminated by various linguists. The role of these two figures of speech in similes will be investigated, based on examples from a large set of frequent similes gathered from the corpus. Subsequently, the phenomenon of variation within the area of fixed phrases will be observed.

Keywords: similes; metaphor; metonymy; variation; semantics

Palavras-chave: comparações fixas; metáfora; metonímia; variação; semântica

1. Introdução

As comparações fixas (CF) ou estereotipadas fazem parte da fraseologia, uma ampla área do léxico das línguas naturais que se destaca por um conjunto de características particulares. As atitudes e definições de fraseologia por vários linguistas divergem bastante, mas as principais são geralmente aceites, sendo essas a pluriverbalidade, fixação, idiomaticidade e institucionalização. Quanto à idiomaticidade, ou seja, a opacidade semântica, esta está mais representada no centro da área, enquanto as expressões na periferia são semanticamente quase transparentes ou transparentes. No espaço da linguística continental europeia, esta escala de idiomaticidade é refletida na terminolo-

* Este artigo faz parte do projeto “Program rozvoje vědních oblastí na Univerzitě Karlově č. P10 *Lingvistika*”, subprograma “*Románské jazyky ve světle jazykových korpusů*”.

gia, sendo a “expressão idiomática”, ou “idiomatismo”, um termo mais estrito do que “expressão fraseológica”, ou “fraseologismo”, na qual são, usualmente, abrangidos todos os tipos de expressões formalmente estáveis, independentemente da sua opacidade ou transparência. As opiniões em torno da classificação das CF nesta escala divergem bastante. Alguns linguistas colocam-nas entre expressões idiomáticas, outros consideram-nas somente unidades fraseológicas ou colocações e marginalizam assim a sua idiomaticidade ou, em casos extremos, negam-na.

O presente artigo vai ser dedicado ao fenómeno das CF olhado nomeadamente do ponto de vista semântico. No início, vão ser definidas as características gerais e descritos os tipos mais comuns. O objetivo principal do artigo, porém, vai ser uma investigação das especificidades semânticas das comparações, do papel da metáfora e metonímia na criação do sentido delas, das possíveis variações e da sua influência nas nuances do sentido das CF no discurso. Esta investigação vai basear-se num conjunto de cerca de 180 expressões, cuja recolha primária foi feita num corpus, seguida por uma verificação de ocorrências de várias formas variantes na internet através das ferramentas da pesquisa avançada do Google, que permite o acesso a uma amplidão de textos em todos os registos estilísticos incomparavelmente maior de que qualquer corpus, e portanto é, apesar da sua limitada exatidão, uma fonte mais apropriada para os fins deste estudo. Para manter o material linguístico mais homogéneo e a pesquisa assim mais concreta e relevante, o conjunto foi reduzido a comparações de estrutura adjetival.

2. Abordagem geral das comparações fixas

As CF são expressões bastante salientes, e como tais pertencem entre os tipos de fraseologismos tradicionalmente mais estudados. Destacam-se pela sua estrutura especial, que é, segundo Bojilova Tchobánova (2006: 652), binária, constituída por um elemento à esquerda, que funciona como a base da comparação, e um elemento à direita, que serve como uma imagem representativa da característica ou atividade em questão. Estes dois componentes são ligados por meio de um comparador, também chamado nexo comparativo, que formaliza e explicita a relação de comparação. Na maioria dos casos trata-se de uma relação de igualdade, em português expressa mais frequentemente por comparadores *como* e *que nem*, ou, com menor frequência, *que só*, *feito*, etc. Podemos, todavia, encontrar também comparadores de superioridade ou inferioridade, como *mais que*, *menos que*, *pior que*, etc.

O linguista checo Čermák (2007: 48–49), no entanto, assume um ponto de vista mais amplo, e descreve a comparação como uma entidade de 5 elementos, dos quais nem todos têm que estar explicitamente presentes, mas para uma perceção mais complexa das relações semânticas é importante que as tenhamos em mente – /Kd/ – R – (Tk) – k – Kt:

– /Kd/ = comparandum; uma valência realizada pelo contexto atual; normalmente sujeito:

ex.: /O João/ *está vermelho como um tomate*.

– R = relator; normalmente verbo; dá à expressão natureza predicativa:

ex.: /O João/ está vermelho como um tomate.

- (Tk) = tertium comparationis; a característica ou atividade que o Kd e o Kt têm em comum; pode ou não ser explícito:
ex.: /O João/ está (vermelho) como um tomate.
- k = comparator; o sinal formal que expressa a relação de semelhança:
ex.: /O João/ está vermelho como um tomate.
- Kt = comparatum; um modelo geralmente conhecido pela característica ou atividade em questão:
ex.: /O João/ está vermelho como um tomate.

Quanto à estrutura sintática das comparações, o comparatum é quase sempre um nome (ex.: *venenoso como uma cobra*) ou um sintagma nominal (ex.: *falso como o beijo de Judas; contente como um gato com trambolho*), mais raramente pode ser uma frase (ex.: *tão certo como o sol nascer de dia*). Em função do tertium comparationis encontramos com maior frequência adjetivos (ex.: *leve como o ar*), tendo a expressão inteira a função de um sintagma adjetival na frase em que ocorre. O segundo dos tipos mais comuns tem um verbo à esquerda (ex.: *brilhar como vidro ao sol*). Entre estes dois tipos encontram-se as comparações com um verbo em forma de particípio, passado ou presente, cuja classificação é problemática. Muitas delas, por exemplo: *apagado como uma luz* ou *ardente como o sol*, ocorrem também em formas claramente verbais (*apagar(-se) como uma luz; arder como o sol*), o que pode ser percebido como um sinal de que na mente dos falantes se mantém uma certa consciência da sua natureza verbal. Em geral, todavia, a recategorização dos verbos em adjetivos é um processo dificilmente medível e muito individual, e é inegável que, na sua maioria, as formas têm pelo menos uma certa medida de função e significado adjetival. Portanto, também algumas destas expressões foram incluídas no conjunto de comparações que serve como base das pesquisas apresentadas a seguir. Muito raramente encontram-se na posição do tertium comparationis advérbios ou substantivos. Ao contrário, ocorrem com alguma frequência comparações sem o tertium comparationis explicitamente expresso.

3. Metodologia da pesquisa

O primeiro passo da pesquisa foi um levantamento básico de dados a partir de um corpus de língua portuguesa. O corpus *Cetempúblico* mostrou-se inadequado para este fim; contém unicamente textos jornalísticos e, contra as expectativas gerais em torno do uso de expressões idiomáticas por jornalistas, a ocorrência de comparações fixas nele foi mínima. Portanto, escolhi o *Corpus do Português*, que incorpora também textos literários, para obter um conjunto de expressões efetivamente representadas no uso da língua.¹

O resultado de mil concordâncias conteve uma grande parte de coocorrências aleatórias sem função propriamente comparativa (ex.: *comentar sobre si mesma como mulher*;

¹ Como decidi restringir o foco da pesquisa principalmente às comparações fixas de natureza adjetiva, a pesquisa no Corpus do Português teve a forma seguinte: Palavra(s): [j*] como; colocado: [nn*] esq. 0, dir. 5 (um adjetivo seguido pelo comparador *como* e por um nome na distância de uma até cinco posições à direita).

poderia ser infalível como instrumento de negociação). Depois de uma seleção de ocorrências que realmente tiveram as características de comparações, a recorrência de cada uma das expressões foi verificada por meio da pesquisa avançada do Google, uma fonte escolhida por razões já explicadas na introdução do artigo. Aquelas expressões que não apareceram, ou apareceram em menos que 5 ocorrências, foram também excluídas do conjunto principal. Entre estas havia também algumas comparações autorais, não institucionalizadas, representadas por um único uso (ex.: *puro e benigno como o orvalho da aurora*). Sendo os números absolutos de ocorrências no Google pouco estáveis e fiáveis, não foram utilizados como dados concretos, mas sim somente como uma referência indicativa para orientar as respostas a algumas questões.

A seguir foram efetuadas análises mais concretas a fim de obter resultados que ajudassem a responder às questões determinadas. Estas análises estão descritas nas respectivas secções.

4. Idiomaticidade das comparações fixas

Um dos traços fundamentais de todas as expressões idiomáticas é, como o nome indica, a idiomaticidade, ou seja, uma opacidade semântica, causada pela impossibilidade de deduzir o significado da expressão como um todo da soma dos significados dos seus componentes. Nesse âmbito, as CF são relativamente transparentes, o que leva a uma discussão sobre a sua posição na escala de idiomaticidade e sobre a sua classificação no sistema das expressões fraseológicas. Como já foi dito, segundo algumas opiniões extremas, as CF são transparentes e o sentido delas é completamente composicional. No entanto, a maioria de linguistas está de acordo sobre a existência de alguma idiomaticidade nas comparações, havendo entre eles divergências quanto à sua natureza e “localização” dentro da CF.

Segundo Bojílova Tchobánova (2006: 651), todos reconhecem que o elemento à esquerda (correspondente ao *tertium comparationis*) mantém o seu significado literal e não sofre nenhuma transposição semântica. Quanto ao resto da comparação, ela menciona duas atitudes básicas. Uma delas afirma que é somente o nexos comparativo (o comparador) que tem significado figurativo. Por exemplo, na frase *O Rui é alto como uma torre*, o adjetivo *alto* significa “alto”, o nome *torre* significa “torre”, enquanto o *como* não cumpre as condições da verdade, porque o Rui, embora esteja muito alto, na realidade não é *tão* alto *como* uma torre. A segunda atitude declara que é o elemento à direita (o *comparatum*) que sofre uma transposição semântica, quando vem designar um maior grau da qualidade ou uma maior intensidade da ação expressa pela primeira parte, e desempenha o papel de um “intensificador fraseológico”, de tal maneira que *alto como uma torre* significa “muito alto”.

As duas teorias parecem ter suas falhas, o que me leva a sugerir uma terceira proposta, que as reúne numa explicação mais lógica. Isto é, que é o conjunto “*como + comparatum*” que tem nas comparações um significado não composicional de um advérbio de grau.

Depois da observação das expressões escolhidas é possível dizer que em caso das CF trata-se de uma idiomaticidade específica. O *tertium comparationis* (aqui o adjetivo)

denuncia claramente a essência do significado da expressão. Assim, sendo por todos pelo menos subconscientemente conhecido como funcionam as comparações fixas, até os falantes que não conhecem a expressão particular conseguem descodificá-la sem problemas. Não obstante, o significado das CF continua a ser não composicional, e os casos em que a comparação é utilizada sem o *tertium comparationis* expresso comprovam que o comparatum está muitas vezes longe de ser claramente decifrável ou associável a uma concreta qualidade.

5. Função das comparações fixas

A função principal e mais frequente das comparações é a já mencionada intensificação, ou seja, a acentuação da característica ou atividade que ou pode ser expressa pelo *tertium comparationis* (ex.: *O João é valente como um leão.*), ou implicitamente presente no comparatum (ex.: *O João é como um leão.*). A intensificação está presente, em certa medida, quase em todas as comparações fixas. Algumas comparações de estrutura verbal não só enfatizam o processo ou atividade expressa pelo verbo, mas servem para especificar o modo (ex.: *atirar-se como gato a bofe; olhar para alg./a.c. como boi para palácio*). Este tipo é em geral mais semanticamente opaco.

Bojílova Tchobánova menciona também a função irônica de tais CF que revelam uma incompatibilidade entre o *tertium comparationis* e o comparatum (ex.: *nadar como um prego*). Estas comparações aproveitam o efeito de absurdidade para adicionar ênfase ao enunciado pretendido.

Além deste tipo de ironia interna, acontece também que uma comparação que em si não contém nenhuma contradição é utilizada ironicamente como um todo (ex.: *És mesmo valente como um leão.*). Normalmente trata-se de expressões na sua base positivamente avaliativas, que o falante usa ironicamente para ridicularizar uma pessoa ou situação. A identificação do uso irônico pode ser complicada e depende do contexto situacional, da representação gráfica (por exemplo as aspas) e dos indícios que o falante fornece junto com a expressão, como a palavra *mesmo* que no exemplo mencionado acima atrai a atenção do leitor à expressão e pode despertar uma suspeita sobre a sinceridade dela. No discurso oral são os elementos supra-segmentais que desempenham um papel muito importante.

6. Transferência de sentido

A metáfora e a metonímia são as forças principais na formação do sentido idiomático. Enquanto a metáfora é definida como uma transferência de sentido baseada em semelhança, na metonímia trata-se de uma relação de contiguidade. As duas figuras de linguagem têm muito em comum, como escreve Farias (2007: 86):

Metáfora e metonímia se assemelham por serem recursos cognitivos, por resultarem de mapeamentos, por integrarem nosso dia-a-dia, por serem manifestos nas formas linguísticas que são utilizadas pelo homem para funcionar no mundo.

A distinção entre a metáfora e a metonímia pode ser problemática, o que levou Lakoff (1980: 266–267) a propor a seguinte orientação:

A distinguir a metáfora da metonímia, não se deve olhar para os significados de uma única expressão linguística, e se há dois domínios envolvidos. Em vez disso, é preciso determinar como a expressão é usada. Os dois domínios formam um só tema complexo utilizado num mapeamento único? Em caso afirmativo, é uma metonímia. Ou, os domínios podem ser separados no uso, com um número de mapeamentos e com um dos domínios a formar o tema (o domínio alvo), enquanto o outro domínio (a fonte) é a base para inferência significativa de expressões linguísticas? Se é esse o caso, então é uma metáfora.²

No entanto, nem este método se pode aplicar com sucesso a todas as situações, o que levou Goossens (2003: 350) a introduzir um novo termo, *metaftonímia*, para designar os casos em que a metáfora e a metonímia estão entreligadas. Paiva (2011: 59) vai ainda mais longe quando declara a sua opinião segundo a qual todas as metáforas têm origem num processo metonímico. Ela afirma que, se na definição do processo metafórico dizemos que “um domínio experiencial é parcialmente mapeado”, trata-se dum mecanismo metonímico (parte pelo todo), em que apenas uma parte do domínio conceitual é utilizada para gerar significado no segundo domínio. Ela exemplifica com a expressão idiomática *o tempo voa*, em que está explorada uma metáfora entre o tempo e um pássaro, refletindo, porém, só a capacidade do pássaro de voar e ignorando as outras características.

Olano (2004: 361–362) distingue dois processos principais de transferência de sentido, que funcionam tanto no caso de metáfora como no de metonímia. O primeiro é nominação, um ato consciente, instantâneo e individual de dar um nome a uma entidade existente na realidade extralinguística, normalmente gerido por alguma motivação concreta. Para dar origem a uma expressão fraseológica, a nominação tem que ser aceite pelos outros falantes da língua e assim institucionalizada. A nominação pode ser cognitiva, efetuada a partir de características objetivas, ou expressiva, quando se baseia em valores expressivos. O outro processo é evolução, inconsciente, coletiva e progressiva, que pode resultar ou em polissemia, ou numa perda de motivação, isto quer dizer, da noção do significado original.

O pensamento humano e a língua são inseparavelmente entreligados, e as metáforas representam um dos padrões da sistematização das experiências do dia-a-dia. Estes padrões têm a ver com a assim chamada metáfora conceitual, que nos ajuda a estruturar o raciocínio em torno de domínios mais abstratos por estabelecer uma correlação com base em paralelos com domínios concretos, atingíveis por percepção sensorial. Assim, podemos encontrar realizações de metáforas como “amor é uma viagem” (ex.: *a nossa*

² When distinguishing metaphor and metonymy, one must not look only at the meanings of a single linguistic expression and whether there are two domains involved. Instead, one must determine how the expression is used. Do the two domains form a single, complex subject matter in use with a single mapping? If so, you have metonymy. Or, can the domains be separate in use, with a number of mappings and with one of the domains forming the subject matter (the target domain), while the other domain (the source) is the basis of significant inference and a number of linguistic expressions? If this is the case, then you have metaphor.

relação é um beco sem saída) ou “bem é em cima, mal é em baixo” (ex.: *estar de alto/baixo astral*).

A metáfora segundo Britto (2008: 120) foi tradicionalmente vista como um fenômeno de poética e retórica, um ornamento acessório, afastado da realidade, mas nas últimas décadas está a ser reconhecida como um recurso do pensamento humano que é motivado pela procura de compreensão e penetra a nossa fala do dia-a-dia. A transferência do sentido do domínio fonte, normalmente concreto, para o mais abstrato domínio alvo, acontece durante um processo cognitivo, que está principalmente determinado pela tendência dos homens a projetar-se no mundo, já que a percepção humana dele é condicionada pelo assim chamado realismo corpóreo, ou seja, o pensamento e a língua são formados pelos sentidos e pelas limitações do corpo (Farias, 2007: 87–88).

Existe uma semelhança óbvia entre a CF e a metáfora, o que naturalmente levanta a ideia que elas são duas maneiras de expressar um significado idêntico. Assim, seria a mesma coisa dizer *O Pedro é como uma rocha* e *O Pedro é uma rocha*. Eventualmente, se quiséssemos especificar a característica em questão, também seria possível dizer: *O Pedro é firme como uma rocha* e *O Pedro é uma rocha firme*. Porém, esta atitude tem uns pontos fracos. Um deles mostra-se, segundo Chiappe and Kennedy (2000: 372), quando uma comparação ocorre seguida por uma correção: *O Pedro não é como uma rocha. Ele é uma rocha*. Aqui revela-se claramente uma diferença entre a comparação e a metáfora pura, sendo a primeira mais fraca, como se estivesse a conferir ao sujeito só algumas características do comparatum, ou um grau menor delas, enquanto a segunda expressa uma identificação mais universal e intensa.

Também por causa da proximidade entre a metáfora e as CF, a pressuposição foi a de que entre as expressões em questão, a origem metafórica vai prevalecer, o que se confirmou durante a pesquisa. Um exemplo típico pode ser a comparação *veloz como um raio* com origem na observação humana dum fenômeno físico. Podemos dizer que, em geral, todas as CF surgem através de um paralelo entre duas entidades de dois domínios diferentes sem nenhuma entreligação, assim que ao nível de relação semântica entre o tertium comparationis e o comparatum, todas as comparações fixas são principalmente de natureza metafórica. Observa-se, porém, um processo metonímico no caso de muitas comparações polissémicas, nas quais o tertium comparationis designa tanto uma qualidade física, como uma figurada. Esta polissemia existe já nos adjetivos em questão independentemente da comparação fixa. Trata-se de metonímia do tipo “abstrato pelo concreto e vice versa”, em que o deslocamento do significado do domínio concreto ao abstrato reforça a idiomatidade da comparação. Ex.:³

1. a) (...) o cabelo era radiante como o sol, castanho claro (...)
b) Se os seus pensamentos são positivos, tudo em sua volta será radiante como o sol.
2. a) E raios de sol dourados, em cada gota de sumo espesso e doce como mel.
b) É doce como mel, mas também sabe ferrar quando lhe põem o pé em cima.
3. a) Se o pêssego estiver duro como uma pedra, ele ainda não está maduro.
b) O homem era duro como uma pedra, nada o comovia, olhava tudo com frieza (...)

³ Todos os exemplos citados foram encontrados na internet e representam usos correntes das CF em questão.

Um outro exemplo de processo metonímico pode ser encontrado na comparação metafórica *pálido como a morte*, em que a palidez do comparatum *morte* deve-se a uma metonímia de causa pelo resultado, ou seja, a morte pelo corpo do defunto, o qual se destaca pela característica de ser pálido. Esta metonímia deve ser responsável também pela imagem habitual da personificação da morte. E, por exemplo, em *quente como o sol*, a relação, além de ser metafórica, também pode ser explicada como uma metonímia entre o produto (*calor*) e o produtor / a fonte (*o sol*).

Estes casos confirmam que a interação entre a metáfora e a metonímia na geração das comparações fixas não é rara e aparece em várias formas.

A olhar para as comparações com comparatum *diabo*, algumas delas têm uma ligação metafórica com uma das características comumente atribuídas à figura do diabo (ex.: *sujo como o diabo*; *ruim como o diabo*). Outras, no entanto, não são comparações metafóricas propriamente ditas, mas sim intensificações expressivas, nas quais é usado o conjunto prefabricado *como o diabo* em combinação com a qualidade que o falante quer enfatizar (ex.: *bravo, exigente, independente, inteligente, esperto, rápido, velho*, mas também *frágil, sensível, bonito ou bom*). Algumas palavras, porém, são tão contraditórias ao conceito de diabolicidade, que a probabilidade de sua ocorrência neste contexto é quase nula (ex.: *limpo, manso, benevolente*).

Já a coligação *como um sonho* ocorre também com muitas palavras variadas, mas todas têm em comum uma certa incerteza, indeterminação, ou visão encoberta (ex.: *febril / impreciso / vago / vaporoso como um sonho*), fazendo parte dum campo lexical grande e aberto. Aqui, apesar de ser mais livre, a relação metafórica está sempre presente.

7. Variação das comparações fixas

Apesar de a fixidez e a estabilidade pertencerem às características principais de todas as expressões fraseológicas, incluindo as CF, existe nelas uma certa variabilidade. Esta variabilidade pode afetar os componentes de natureza gramática, bem como os componentes autosssemânticos. No primeiro caso, pode ser por exemplo variação do comparator (ex.: *bêbado como um cacho / bêbado que nem um cacho*), que não influencia notavelmente o significado ou a função da expressão, ou variação do artigo, à qual é dedicada a seguinte secção.

Quanto à variação dos componentes autosssemânticos, é difícil estabelecer a fronteira entre as variações duma expressão e duas ou mais expressões autónomas. Há palavras que são usadas em comparações relacionadas a vários conceitos e, ao contrário, alguns conceitos são com frequência expressos nas comparações por meio de várias palavras de diferentes campos lexicais. Existe, portanto, um intenso entrelaçamento lexicológico entre vários grupos de comparações, de modo que a palavra *criança* pode nas CF representar muitas qualidades (*alegre / contente / feliz / indefeso / inocente / puro / radiante / sereno como uma criança*), e ao mesmo tempo encontramos várias palavras utilizadas em comparações para intensificar por exemplo pureza (ex.: *puro como a água / a luz / um anjo / a neve*) ou radiância (ex.: *radiante como o sol (/ um dia de sol / um raio de sol) / um diamante / uma estrela / uma pérola*).

Pela natureza das CF seria possível supor que quando é o *tertium comparationis* que varia, trata-se de várias CF, e que em casos de variação do *comparatum* todas as versões podem ser consideradas variantes de uma expressão. No entanto, alguns conceitos podem ser expressos por vários quase-sinónimos sem uma notável mudança de significado (ex.: *belo / bonito / lindo como um anjo*). Em casos como este, é também possível falar de variantes de uma única expressão. E ao contrário, existem casos nos quais o *tertium comparationis* parece ser idêntico, mas trata-se de polissemia e uma comutação das comparações não é possível (ex.: *fiel como um cão vs. fiel como um espelho*); portanto, não se trata de duas variantes da mesma CF. Às vezes há também diferenças ao nível pragmático, por exemplo entre as comparações *negro como a noite* e *negro como a morte*, as quais assim podem ser distintas como duas CF – trata-se, todavia, de um caso-limite.

8. Variabilidade do artigo

Tal como muitas regras sintáticas do discurso livre, também as regras do uso de artigos não são sempre aplicadas rigidamente na área de fraseologia. Portanto decidi olhar mais de perto para o fenómeno de artigos nas comparações fixas para saber se existem algumas tendências gerais, motivadas sintática- ou semanticamente, ou se as preferências de uso dos artigos em cada uma delas são em princípio aleatórias.

Cada uma das expressões foi procurada em três formas: com artigo definido, com artigo indefinido e sem artigo. Algumas expressões ocorrem com grande prevalência numa das variantes, outras aparecem com uma frequência mais ou menos equilibrada em duas, ou até em todas as três variantes. Em geral, observa-se uma grande variabilidade no uso dos artigos. Em alguns casos, a variação deve-se somente a uma natural instabilidade de uso entre os falantes, mas, como vou também demonstrar neste capítulo, há casos em que as variações têm uma certa relação com as nuances do significado que o falante quer transmitir, e a escolha da forma particular tem a sua motivação.

Uma significativa redução da variabilidade pode ser observada nos casos em que o *comparatum* está modificado por uma frase relativa restritiva, sendo utilizado ou o artigo definido em casos de nomes não contáveis, ou o artigo indefinido em casos de nomes contáveis, ex.:⁴

- (1) *Uma cultura que apenas se adquire por osmose e que nos deveria ser tão natural como o ar que se respira.*
- (2) *Tudo será claro e límpido como a água que brota do calcário.*
- (3) (...) *a sua magra figura tremia, acaçapada como um cão que se roja sob o açoite.*
- (4) *Telhuda como um raio que a parta, mas cura unhaca.*

Enquanto a comparação na frase 1 ocorre com frequência na sua totalidade, já na frase 2, a parte fixa da comparação é somente o *límpido como (a) água*, que no uso aparece

⁴ Todos os exemplos neste capítulo são ocorrências reais encontradas durante a pesquisa no Corpus do Português, confirmadas na internet (através do Google).

com várias modificações que servem para ainda mais enfatizar a função intensificadora da comparação, sendo a frase relativa restritiva *que brota do calcário* uma delas. Na frase 3 não encontramos uma comparação fixa propriamente dita, mas sim uma exploração livre do potencial “comparativo” do comparatum *cão*, geralmente ligado com dois conceitos principais, o de lealdade e o de ser miserável, inferiorizado, maltratado. Igualmente, também na frase 4 trata-se de uma exploração mais ampla do potencial do comparatum *raio* que, além de estar ligado com imagens de uma rapidez violenta, às vezes serve como um intensificador geral em contextos mais coloquiais.

Um caso especial de comparatum modificado por uma frase são as ocorrências nas quais se trata de um exemplar particular de um nome contável, que é assim recategorizado numa expressão referencial e que, naturalmente, ocorre com o artigo definido. Neste caso, porém, já não podemos falar sobre uma comparação fixa, mas sim sobre uma comparação criada *ad hoc* com base na situação atual, ex.:

(5) *E a vida aparecia-lhe infundável, de uma doçura igual, atravessada do mesmo enternecimento amoroso, quente, calma e luminosa como a noite que os cobria.*

É notável que o valor semântico da expressão modificada pode divergir notavelmente das noções comumente ligadas com o comparatum, como no caso da palavra *noite*, a qual em si costuma simbolizar escuridão.

Pertencem a este grupo de comparações criadas *ad hoc* também os casos nos quais o artigo definido é substituído por um pronome demonstrativo ou possessivo, o que naturalmente implica que se trata de uma comparação concreta, construída a partir das circunstâncias atuais, haja ou não uma relação entre ela e uma existente comparação fixa, ex.:

(6) (...) *quando o velho mal se precatar, a fidalguinha engrampa-o, e é sua tão certo como esta luz que nos alumia.*

Apesar de a pesquisa ser focada principalmente no português europeu, convém mencionar neste lugar uma diferença observada no português do Brasil, a qual também confirma a obediência às regras do discurso livre. Isto é, a ocorrência dos nomes contáveis em singular sem artigo:

(7) (...) *e tu meu fracalhão, andas aí todo embezerrado e amuado como criança que apanhou bolos, (...)*

A partir das observações acima feitas podemos concluir que nestes casos especiais, as comparações fixas comportam-se conforme as regras válidas no assim chamado discurso livre.

Quanto às comparações simples sem modificação, é possível observar uma tendência bastante clara para vários tipos de comparatum. Uma prevalente ocorrência com artigo indefinido pode ser observada em nomes contáveis:

- A) designações de seres vivos, sejam pessoas, animais, ou seres sobrenaturais, ex.:
- (8) *fiel como um cão*
 - (9) *ruim como uma cobra*
 - (10) *inocente como uma criança*
 - (11) *forte como um herói*
 - (12) *belo como um anjo*
- B) designações de objetos de natureza física, ex.:
- (13) *imóvel como uma árvore*
 - (14) *pálido como um cadáver*
 - (15) *liso como um espelho*
 - (16) *leve como uma pena*
- C) designações de fenômenos de duração limitada, ex.:
- (17) *rápido como um pensamento*⁵
 - (18) *veloz como um relâmpago*
 - (19) *alegre como uma manhã*

Artigo definido acompanha com a maior frequência os seguintes tipos de comparatum:

- A) alguns nomes não contáveis – designações de matérias, ex.:
- (20) *leve como o ar*
 - (21) *doce como o leite*
 - (22) *doce como o mel*
- B) designações de entidades e fenômenos únicos, ex.:
- (23) *grande como o mundo*
 - (24) *quente como o sol*
 - (25) *livre como o vento*
- C) formas de plural, ou plural semântico, ex.:
- (26) *valente como as armas*
 - (27) *(racismo) velho como o homem*

Quanto à ocorrência sem artigo, esta foi observada num único grupo homogêneo – uma outra parte dos nomes não contáveis, ex.:

- (28) *escuro como breu*
- (29) *reluzente como ouro*
- (30) *fino como seda*

Observe-se que no uso dos nomes não contáveis existe uma grande variabilidade; alguns têm tendência a ser utilizados mais frequentemente com o artigo definido, outros sem artigo, mas há sempre numerosas ocorrências do outro tipo. Apesar da variabilidade é possível dizer que também aqui prevalece a tendência a obedecer às regras que se aplicam no discurso livre.

⁵ aqui, o *pensamento* não figura no sentido de um processo cognitivo, mas sim de uma ideia instantânea

Alguns casos particulares de variação de artigo merecem uma atenção especial. Um deles é a diferença entre as palavras *diabo*, que nas comparações aparece com uma clara prevalência do artigo definido, e *anjo*, que ao contrário revela uma forte tendência a aparecer com o artigo indefinido. Esta diferença entre os dois seres supernaturais deve-se provavelmente à tradição cristã na qual há um único diabo que personifica todo o mal do mundo, o que dá à sua figura uma unicidade também no contexto linguístico, enquanto os anjos são muitos e um anjo é portanto um exemplar não especificado. De uma maneira semelhante é interessante o fenômeno de variação da palavra *Deus/deus*. Quando escrito com maiúscula, ocorre quase sempre sem artigo, pois trata-se de uma autoridade única que não precisa de ser especificada. No entanto, *um deus* é um representante qualquer dum panteão indeterminado, a não ser *um deus grego*, o qual também podemos encontrar em algumas comparações (ex. *bom como Deus; poderoso como um deus; belo como um deus grego*).

Uma certa diferença semântica pode ser observada em casos de variação de artigo dos nomes não contáveis. *A sombra* costuma representar nas comparações o geral fenômeno de “clareza atenuada pela interposição de um corpo entre ela e a fonte de luz” (dicionário Priberam: *sombra*), *uma sombra* é uma recategorização em nome contável, que representa uma entidade de forma concreta, lançada normalmente por um ser vivo. Um outro exemplo dum princípio semelhante é a palavra *pedra*, a qual com o artigo definido representa nas comparações fixas a matéria não limitada, e com o artigo indefinido uma unidade, um pedaço de pedra. Estas distinções podem no discurso revelar uma certa tendência a aparecer mais frequentemente num contexto específico, por exemplo *como uma sombra* vai com uma elevada probabilidade referir a uma pessoa, que é por exemplo triste ou silenciosa, mas *como a sombra* pode ter tendência a ser ligado a coisas ou processos nos quais as pessoas não têm um papel direto e que são por exemplo sutis, lentas, ou fixas.

9. Observações finais

As comparações fixas são um meio linguístico com muitas características específicas. Na sua maioria pertencem entre as expressões idiomáticas àquelas que são bastante fáceis de descodificar, mas devido à não-composicionalidade do sentido, no presente artigo demonstrada nas formas sem explícita representação do *tertium comparationis*, trata-se sem dúvida de expressões idiomáticas. Observamos que embora pela primeira vista pareçam ser puramente um resultado dos processos metafóricos, a metonímia também tem um papel importante em muitas delas.

Vários tipos de variações ocorrem comumente nas comparações fixas, às vezes de modo aleatório, sem influenciar o significado e os valores expressivo e pragmático, outras vezes motivadas por uma ou outra regularidade ou especificidade semântica.

BIBLIOGRAFIA

- Bojílova Tchobánova, I. (2006): As comparações fixas na língua portuguesa: essência, estrutura, função, relações semânticas, classificação. *Textos Seleccionados do XXII Encontro Nacional da APL*, pp. 649–661.
- Britto, V. da Silva (2008): O prisma clássico e moderno de metáfora. *Cadernos do XII Congresso Nacional de Linguística e Filologia*, vol. 6, pp. 118–132.
- Chiappe, D. L. – Kennedy, J. M. (1999): Aptness predicts preference for metaphors or similes, as well as recall bias. *Psychonomic Bulletin & Review*, vol. 6, num. 4, pp. 668–676.
- Chiappe, D. L. – Kennedy, J. M. (2000): Are Metaphors Elliptical Similes? *Journal of Psycholinguistic Research*, vol. 29, pp. 371–398.
- Čermák, F. (2007): *Frazeologie a idiomatika česká a obecná = Czech and general phraseology*. 1. ed. Praha: Karolinum.
- Davies, M. – Ferreira, M. (2006–): *Corpus do Português: 45 million words, 1300s–1900s*. [online] Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>.
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [online] Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo>.
- Farias, E. M. P. (2007): Metáfora e metonímia na geração de sentido. *Organon*. Porto Alegre, vol. 43, pp. 85–95.
- Gibbs, R. W. Jr. (1992): Categorization and Metaphor Understanding. *Psychological Review*, vol. 99, núm. 3, pp. 572–577.
- Lakoff, G. – Johnson, M. (1980): *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Moon, R. (1998): *Fixed Expressions and Idioms in English: a Corpus-Based Approach*. 1st publ. Oxford: Clarendon Press, XI.
- Olano Otaola, C. (2004): Los cambios de significado o cambios semánticos. *Lexicología y semántica léxica: Teoría y aplicación a la Lengua Española*. Madrid: Ediciones Académicas, pp. 359–387.
- Paiva, V. Menezes Oliveira (2011): O Processamento metonímico/metafórico à luz da teoria do caos/complexidade. *Revista Portuguesa de Humanidades: Estudos Linguísticos*, vol. 15, núm. 1, pp. 51–66.
- Philip, G. (2011): *Colouring meaning: collocation and connotation in figurative language* [online]. Amsterdam: John Benjamins Co., *Studies in corpus linguistics*; vol. 43 [cit. 2015-06-16]. Available from: <http://site.ebrary.com/lib/natl/Doc?id=10448699>.
- Rio-Torto, G. – Ribeiro, S. (2010): Unidades pluriverbais – ensino e processamento. *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*, vol. 32, pp. 227–248.
- Sánchez, M. – García-Page (2008): *Introducción a la fraseología española: estudio de las locuciones*. 1. ed. Rubí, Barcelona: Anthropos.
- Titone, D. A. – Connine, C. M. (1999): On the compositional and noncompositional nature of idiomatic expressions. *Journal of Pragmatics*, vol. 31, pp. 1655–1674.
- Veale, T. – Hao, Y. (2009): Support structures for linguistic creativity: A computational analysis of creative irony in similes. *Proceedings of CogSci 2009, the 31st Annual Meeting of the Cognitive Science Society*, pp. 1376–1381.
- Vilela, M. (2001): A metáfora ou a força categorizadora da língua: releitura de Lições de Filologia Portuguesa de Carolina Michaelis. *Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas*, série II, vol. 18, pp. 171–180.

Anna Veverková
Instituto de Estudos Românicos, Universidade Carolina
nám. Jana Palacha 2, 116 38 Praha 1
ann.veverkova@seznam.cz